

RUA BARTIRA

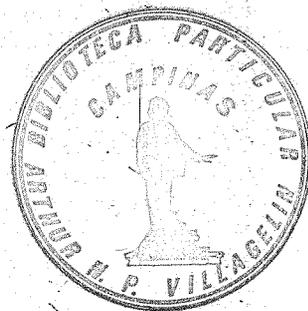
Decreto nº 3948 de 27-10-1971, Artigo 1º, Inciso I
 Formada pela rua 5 da Via Ypê
 Início na avenida Washington Luis
 Término na rua Cacique Caiubi
 Vila Ypê

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr.

Orestes Quércia.

BARTIRA

Bartira era filha de Tibiriçá, cacique indígena, chefe da nação Guaianaz e um dos chefes das tribos aliadas de São Paulo. Bartira significa Flor. Segundo as crônicas, Bartira era uma índia muito bonita. Quando o padre Manoel da Nóbrega, em 1553, procurava um local a fim de fundar um colégio, encontrou João Ramalho, seu patrício, que não se sabe ao certo quando e porque, chegou ao Brasil, e vivia em companhia de Bartira, a bela índia filha de Tibiriçá, e com quem já possuía oito filhos. Fazendo amizade com Nobrega, João Ramalho se propôs a acertar sua situação com Bartira, procurando legitimar sob as bençãos cristãs aquela união. Todavia, Ramalho confessou ao padre haver deixado uma espôsa em Portugal. Nobrega escreve longa carta, datada de 31-08-1553, pedindo que os frades e superiores da Companhia de Jesús investiguem se é viva ou morta a espôsa de João Ramalho "que quer saber para poder fazer seu casamento com Bartira, e que vive no Brasil há mais de quarenta anos e tem dela muitos filhos". Vem a resposta da metrópole, e feliz, João Ramalho faz batizar sua Bartira, com o nome cristão de Isabel Dias e com ela se casa. E ali foi sacramentado: Bartira filha do Cacique Tibiriçá, espôsa de João Ramalho e primeira mãe de paulistas cristãos. Aos poucos foi adquirindo hábitos civilizados, assistiu a formação de São Paulo. Consta ter sido boa mãe e boa espôsa. Quando Ramalho, com a idade de 73 anos é convidado para o cargo de Prefeito de São Vicente, é ela que carinhosamente lembra-lhe a idade e as canseiras, fazendo-o redigir do próprio punho uma carta ao Governador, recusando o convite por "sentir-se velho e cansado". E é com o generoso sangue de Bartira correndo nas veias que muitos paulistas puderam escrever com gloria o nome de São Paulo e do Brasil.

**DECRETO N.º 3948, DE 27 DE OUTUBRO DE 1971****Dá denominação à vias públicas da cidade de Campinas:**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CACIQUE PIQUEROBI — a rua 2 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 3 do mesmo loteamento.

II — CAMPOS DE PIRATININGA — a rua 3 da Vila Ypê, com início na rua 2 e término na Vila Hípica.

III — CACIQUE CAIUBI — a rua 4 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na rua 2 do mesmo loteamento.

IV — BARTIRA — a rua 5 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 4 do mesmo loteamento.

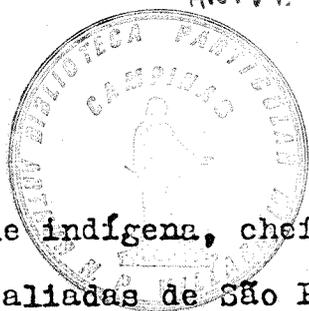
V — MECIAÇU — a rua 6 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na Vila Hípica.

VI — PARAGUAÇU — a rua 7 da Vila Ypê, com início na rua 6 e término na rua 1 do mesmo loteamento.

VII — PERI — a rua 8 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 do mesmo loteamento.

VIII — CECI — as ruas a serem unificadas: a rua 20 do Jardim das Oliveiras — 3.ª parte — com início na rua José P. dos Santos e término na rua Agnaldo Macedo; rua 10 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 da Vila Ypê.

IX — CACIQUE TIBIRIÇÁ — a rua 17 do Jardim Eulina, com início na rua 8 e término na rua 9 do mesmo loteamento.



BARTIRA

BARTIRA era filha de Tibiriçá, cacique indígena, chefe da nação Guaianaz e um dos chefes das tribos aliadas de São Paulo. Bartira, segundo as crônicas, era muito bonita. Casou-se com João Ramalho, que uns dizem ter chegado ao Brasil em 1510, outros em 1498. Raimundo de Menezes, em seu livro "Histórias da História de São Paulo", conta: "O ano era 1553 e o padre Nóbrega procurava um local para fundar um colégio. Encontrou João Ramalho, seu patriótico, que chegara a esse local, ainda sem nome, em 1513. Nessa época, Ramalho tinha esposa em Portugal e 40 anos depois, totalmente integrado na vida do Brasil recém descoberto, se apaixonara por uma índia.

"Aqui, isolado do mundo, sozinho na selva, carecia de um carinho", explica o autor. Bartira, era filha do chefe Tibiriçá, e deu a Ramalho, ao longo desses anos, alguns filhos. Fazendo amizade com Nóbrega, João Ramalho resolveu acertar sua situação e, aproveitando sua riqueza (tinha açúcar bastante para pagar o que fosse necessário), conseguiu através do jesuíta, consultar outro padre em Portugal, sobre a sua esposa. Se já tivesse morrido, estaria livre para Bartira. Passam os meses e a resposta vem da metropole: feliz, João Ramalho faz batizar sua Bartira com o nome cristão de Isabel e com ela se casa."

Bartira foi batizada com o nome de Isabel Dias, como batizados foram seus filhos e filhas; os primeiros cristãos de São Paulo. Bartira ou Butira, foi pois a primeira mãe cristã de paulistas cristãos, conforme narra Carmen Siqueira Parjallah, em "Mulheres da História de São Paulo", publicada no "Correio Popular", de 19-abril-1970.



Rua Bartira

- Fls. 02 -

É essa a mulher cujo nome Índigena quer dizer "Flor", a que descerrou as cortinas do pórtico da História da mulher paulista, pois o seu sangue vem passando de geração em geração pelas veias da gente bandeirante, que alargou as fronteiras da Pátria, sangue generoso e audaz que ainda circula rubro nas veias dos estadistas, dos agricultores, dos industriais, dos poetas, dos operários, dos professores eméritos, dos juristas, da juventude gloriosa de S Paulo!

Bartira-Flor, seu nome ficará nas páginas da história, como já está gravado no sangue heróico dos bandeirantes de todas as Eras.

Fonte: "A Mulher Paulista na História", de Adalzira Bitencourt, Ed. Livros de Portugal - Rio de Janeiro, 1954.

(Extraído das págs. 560/562 do 3º volume do Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil (ilustrado) Editora Pongetti, Rio de Janeiro, 1972).

anpv/10/1985